

Amor com Amor se Paga

França Júnior

Comédia em um ato

Personagens		Atores
Miguel Carneiro	25 anos	Senhor Ferreira
Adelaide Carneiro, sua mulher	22 anos	Dona Júlia
Eduardo Coutinho	30 anos	Senhor Galvão
Emília Coutinho, sua mulher	20 anos	Dona Ana Costa
Vicente	24 anos	Senhor Vasques

A ação passa-se na cidade do Rio de Janeiro

Miguel – Cratera!

Vicente (Batendo na testa.) – é isso mesmo! Maria Joaquina chamava-se a crioula. (Ouve-se o rodar de um carro.) É meu amo, saia, senhor; não me comprometa.

Miguel – Nestes trajes? Mas por onde?

Vicente – saia por aqui. (Indicando a porta da esquerda.) Por aí não.

Miguel – Que noite, meu Deus!

Vicente – Esconda-se, esconda-se, senhor; não tempo a perder. Eles sobem já a escada. (Miguel vai sair por uma das portas da direita, que deve estar fechada, esbarra-se nela e esconde-se embaixo da mesa.)

CENA IV

Os mesmos, Eduardo Coutinho e Adelaide Carneiro

Eduardo – Apóie-se no meu braço. Não tenha o mais pequeno receio. Estamos sós. (Para Vicente.) Passa para dentro. (Vicente sai.) Ninguém testemunhará as nossas confidências e aqui, entre as quatro paredes deste aposento, longe dos falsos ouropéis do mundo que se agita lá fora, escreveremos a página mais feliz da nossa vida.

Miguel (À parte.) – Uma entrevista!

Adelaide – Sinto faltarem-se-me as forças, mas como são gratas estas emoções!

Miguel (À parte.) – Eu conheço esta voz.

Adelaide – Afigura-se-me Parisina, indo ao encontro do desditoso amante nessa hora em que o rouxinol, oculto na espessa ramagem, modula as mais sentidas endeixas. Lembra-se desta situação? É logo no primeiro canto do poema. Oh! mas este amor criminoso não há de levar-me

ao sepulcro. Eu terei a força necessária para arrancá-lo do peito.

Miguel (À parte.) – Esta voz é de minha mulher!

Eduardo – Oh! não fales na fria lousa que deve encerrar os restos preciosos de tua beleza, diante da vida que nos sorri.

Ah, não fales em sepulcro

Quando a esperança nos sorri.

Miguel (Á parte.) – Ah! Patife de uma figa,

Quanta gente tenho em ti.

Adelaide - O amor é sentimento

Que a mulher prende e seduz,

Somos qual a mariposa

Que queima as asas na luz.

Eduardo – Se o amor é sentimento

Que a mulher prende e seduz,

Voemos juntos, voemos

Em torno da mesma luz.

Miguel – Ó que lábia de patife,

Que finório sedutor!

Muito caro hás de pagar-me

As venturas deste amor.

Adelaide – É justamente como disse Byron: - Na vida do homem o amor é um episódio; para a mulher é a existência inteira.

Miguel (À parte.) – Cita Byron! É minha mulher. Estava escrito que aquele livro perigoso me havia de ser fatal.

Eduardo – E no entretanto, por que te mostras tão esquiva para comigo, fazendo surgir sempre entre nossos corações, que palpitam cheios de vida e de esperança, a imagem severa de teu marido?

Miguel (À parte.) – Que patife!

Adelaide – É porque amo muito meu marido. Quando vi pela primeira vez aquela fronte pálida, aqueles olhos lânguidos e rasgados, exclamei: - Ali está uma alma de poeta! E em minha mente, incendiada pela flama da mais radiante poesia, desenhou-se em toda a majestade o tipo de D.

Juan, acordando à luz amortecida das estrelas do céu da Grécia, no regaço perfumado da divina Haidéia.

Eduardo – Eu serei o teu D. Juan; deixa-me repousar também a fronte em teu regaço.

Miguel (À parte.) – Que noite, meu Deus!

Adelaide – Meu marido também me dizia o mesmo nos dias felizes da lua de mel. Um mês depois de ter-me levado ao altar, ria-se quando eu lhe falava da nossa felicidade, virava-me as costas, quando lhe exprobase o seu comportamento, e o ósculo marital que me dava ao entrar em casa, era dizer-me que o feijão estava muito caro.

Miguel (À parte.) – E é por causa da carestia do feijão que esta mulher, mesmo nas minhas bochechas... Vou fazer uma estralada.

Eduardo – Deixa-me abraçar esta cintura delicada. (Faz menção de abraçá-la.)

Adelaide – Não me toque, senhor. Eu já lhe disse que amo muito meu marido, apesar da indiferença com que sou tratada. Há neste peito, porém, muita sede de poesia e o senhor não é para mim neste momento mais que o ideal de um belo romance, que acabo de ler.

Miguel (À parte.) – É o Rafael de Lamartine. E fui eu quem o comprou! Eu acabo por atacar fogo em todas as livrarias.

Eduardo – Mas isto não pode ser. É a segunda entrevista que a senhora me concede e eu tenho direitos.

Miguel (À parte.) – Direitos tenho eu de te meter o cacete.

Adelaide – Direitos tão-somente à minha estima e amizade. Se aqui vim, é porque amo o imprevisto e o mistério e estas cenas romanescas falam-me às fibras mais recônditas da alma. Eu queria sentir as emoções de uma entrevista e nada mais.

Miguel (À parte.) – Que ouço!

Eduardo – Então a senhora ama deveras seu marido?

Adelaide – Amo-o com estremecimento.

Eduardo – Pois bem; eu o amo igualmente com idolatria. Amêmo-lo nós dois.

Eu o amo, tu o amas,

Ele ama, nós amamos,

E amando gozaremos

A ventura que sonhamos.

Conjugando o doce verbo

Sentimos igual paixão

Nesse amor de parceria

Cada qual teu seu quinhão.

Miguel (À parte.) – É demais. Vou arrebentar a cara deste patife.

CENA V

Eduardo, Miguel, Adelaide e Vicente

Vicente – A ceia está na mesa.

Eduardo – Passemos à sala imediata. Lá ergueremos um brinde a esse amor casto e puro, que eu e a senhora consagramos a seu marido.

Miguel (À parte.) – E eu hei de dar o urras! Tratante. (Saem todos menos Miguel.)

CENA VI

Miguel, só.

Miguel (Saindo debaixo da mesa.) – E esta! Escapo de Cila e venho cair em Caríbides. Mas agora, não há mais considerações que me obriguem a guardar conveniências. Este tratante há de pagar-me. Minha mulher julga-me no clube, jogando o voltarete, e enquanto eu namoro a mulher do próximo, ela procura idéias fora de casa. É bem feito, seu Miguel Carneiro. Mas, em suma, quem é este homem que eu não conheço? Eu tenho o direito de saber o seu nome; porque no fim de contas minha mulher tem por ele uma paixão...platônica. Oh! este platonismo alivia-me de um peso...É demais! Quero saber tudo. (Avança para a porta e é detido por Vicente.)

CENA VII

O mesmo e Vicente

Vicente – O senhor ainda está aqui!

Miguel – Quem é esse homem que daqui saiu?

Vicente – Vá-se embora, senhor; não me faça perder a paciência. Suma-se, suma-se.

Miguel – Eu quero saber o nome desse homem, e daqui não sairei, enquanto não arrancar do seu poder aquela mulher.

Vicente – Mau, mau, o senhor está me fazendo perder as estribeiras. Não me obrigue a lançar mão da grafia. (Faz partes de capoeira.)

Miguel – Estou disposto a arrostar um escândalo.

Vicente – Olhe que eu lhe mostro para quanto presta este mulatinho. Se duvida muito, passo-lhe as bocas enquanto o diabo esfrega um olho. Vá-se embora, moço, vá-se embora. Que moço de maçada!

CENA VIII

Os mesmos e Emília Coutinho

Emília (Entrando às pressas.) – Felizmente encontro-o são e salvo!

Miguel – Senhora! O que veio aqui fazer?!

Vicente (À parte.) – Por esta casa anda hoje o diabo.

Emília – Que susto, meu Deus! Repare como estou tremendo. Quando o vi perseguido pela polícia, como um ladrão, não pude conter-me: saí também para a rua, afrontando as conseqüências deste passo irrefletido e , depois de muito indagar, soube que tinha entrado aqui. Estou comprometida até a raiz dos cabelos, apesar da inocência dos nossos amores e agora não sei como sair deste apuro.

Miguel – Fuja quanto antes, minha senhora; a sua presença nesta casa é a minha perdição.

Vicente (À parte.) – Isto acaba numa grande água suja. Eu vou para dentro e cá não venho mais, haja o que houver. (Sai.)

Emília – Meu marido já está talvez em casa. Que fizeste, Emília!

Miguel – Que noite, que noite, meu Deus!

Emília (Chorando) – O senhor foi o culpado.

Miguel – Não grite, senhora.

Emília (Chorando.) – Eu amava muito meu marido. Por que veio desinquietar-me? Estou perdida por causa de um namoro de passatempo e amanhã serei apontada por toda a cidade como uma réproba.

Miguel – Não grite, senhora, que eles estão ali.

Emília – Não poder aparecer mais diante de meus filhos. Que fizeste, Emília?

Miguel – Mas com os diabos, quem lhe mandou vir aqui a estas horas? Queixe-se de sua leviandade. Aí vêm eles: esconda-se. (Depois de correrem atrapalhados pela cena, escondem-se afinal os dois ao lado da mesa.)

/

CENA IX

Emília, Miguel, Eduardo e Vicente

Eduardo (A Vicente.) – Vai depressa buscar um carro.

Emília (À parte.) – É a voz de meu marido; segure-me que estou desmaiando. (Cai nos braços de Miguel.)

Miguel (À parte.) – Seu marido!

Vicente – Ó Nhonhô, aquela mocinha parece-me meia gira. Eu creio que ela sofre do fígado.

(Apontando para a cabeça; saí.)

Eduardo – Decididamente não é uma mulher; é um romance vivo. Sou para ela D. Juan, Gilbert, Dartagnan, tudo que tem saído da cabeça dos poetas, menos o que sou. Já não posso aturá-la.

Miguel (À parte.) – Que noite, meu Deus!

Eduardo – Enquanto ela lê versos, reclinada nos coxins do divã, vou respirar um pouco de ar à janela. (Sai.)

CENA X

Emília e Miguel

Miguel – Ó senhora, olhe que a ocasião não é própria para faniquitos. Acabe com isto.

Emília – Ele já partiu?

Miguel – Ele quem?

Emília – Meu marido; eu ouvi a sua voz. Estou comprometida para sempre, e no entretanto o senhor bem sabe que ainda não me esqueci dos meus deveres.

Miguel – Infelizmente sei: mas descanse que a senhora está salva e eu também.

Emília – Salva?! O senhor não o conhece; é ciumento como um Otelo e será capaz de estrangular-me aqui mesmo com este pano de mesa.

Miguel – Eu aposto a minha cabeça como ele não lhe dirá a mais pequena palavra. Escute; eu vou ajoelhar-me a seus pés, segurar-lhe na cetinosa mão. (Ajoelha-se e segura-lhe na mão.) E a senhora gritará, fingindo que forceja por sair de meus braços.

Emília – Deixe-me, senhor; deixe-me, ele pode chegar e a minha vida corre perigo.

Miguel – bravo, bravo, muito bem; é isto mesmo o que eu quero.

Emília – Não abuse da minha situação e considere que sou uma mãe de família.

Miguel – Eu te amo, te idolatro, és a estrela polar do meu firmamento. Ande, grite mais.

Emília – Senhor.

CENA XI

Os mesmos e Adelaide

Adelaide (À parte.) – O que vejo? De joelhos aos pés de outra mulher, e já em mangas de camisa! (Alto.) Senhor, o seu comportamento é inqualificável! (Emília grita. Miguel levanta-se e volta-se.) Meu marido! (Desmaia.)

Emília – Não me explicará o que significa tudo isto, senhor?

Miguel – Oculte-se aqui; não devemos perder um só minuto. Vai saber em breve a decifração de tudo. (Leva-a para uma das portas da direita e fecha a porta; para Adelaide.) Levante-se, minha

senhora, os desmaios estão já muito explorados pelos romances modernos.

Adelaide (Ajoelhando-se.) – Perdão, Miguel.

Miguel – Esta posição é ridícula demais para uma heroína.

Adelaide (Erguendo-se com altivez.) – Tens razão; eu não sou tão criminosa como te parece, e assiste-me, por conseguinte, o direito de perguntar-te o que fazias nesta sala com aquela mulher.

Miguel – É o mesmo direito que me assiste. O que veio a senhora fazer nesta casa?

Adelaide – Miguel, eu te juro pela minha vida que estou inocente.

Miguel – Quem é esse homem que aqui mora?

CENA XII

Eduardo, Miguel e Adelaide

Eduardo – Que faz o senhor aqui?

Miguel – Não tenho que dar-lhe satisfações.

Eduardo (Para Adelaide.) – Quem é este homem?

Adelaide (À parte.) – Estou perdida.

Miguel (Sentando-se no sofá.) – Minha senhora, tenha a bondade de dizer aqui ao senhor quem eu sou. (Pausa.) Já que é tão curioso, vou satisfazê-lo. Chamo-me Miguel Carneiro, e apesar de estar intimamente convencido de que o senhor não passa de um ideal para esta mulher romanesca, da qual sou marido, eu ainda assim o desafiaria para um duelo, como fazem os homens de brio, se não aprovesse à fatalidade trazer-me a esta casa, como que expressamente para dizer-lhe – que nada devemos um ao outro.

Eduardo – Senhor Miguel Carneiro, creia que...

Miguel – Sei tudo. O senhor amou minha mulher.

Eduardo – Mas...

Miguel – Puro platonismo; estou disto intimamente convencido. Ora, na minha qualidade de marido, devo ser grato aos obséquios que fazem à minha mulher.

Adelaide (À parte.) – O que quererá ele fazer, meu Deus!

Miguel – Eu gosto de pagar os benefícios à boca do cofre.

Adelaide (Ajoelhando-se entre os dois.) – Se sinistras são as tuas intenções, oh! Miguel, antes de consumá-las, terás de passar por cima do meu cadáver.

Miguel – Tranqüilize-se, senhora; eu não lhe darei o gosto de mais uma emoção romanesca. (Adelaide levanta-se; para Eduardo.) Devo-lhe em matéria de amor uma reparação; vou satisfazer-lhe já a minha dívida. (Indo à porta onde se acha Emília.) Pode saís, minha senhora.

(Emília sai.)

CENA XIII

Os mesmos e Emília

Eduardo – Emília!!!

Emília – Não me condene. Sobre tua cabeça pesa um crime talvez, eu apenas cometi uma leviandade.

Miguel – Fique descansada; sobre nossas cabeças não pesa absolutamente coisa alguma. Pode abraçar sua mulher, eu abraçarei a minha.

Eduardo – E por que artes veio o senhor ter a esta casa?

Miguel – Enquanto o senhor fazia a corte à minha metade, eu constipava-me no seu galinheiro à espera da sua. Mas já lhe disse que pode ficar tranqüilo; o divino Platão velava por nós. Sua mulher explicar-lhe-á o que aqui me trouxe.

Eduardo (Abraçando Emília.) – Emília!

Adelaide (Abraçando Miguel.) – Miguel!

Miguel (Para Eduardo.) – Amor com amor se paga. Já vê que nada devemos um ao outro; dou-lhe o troco na mesma moeda.

CENA XIV

Eduardo, Adelaide, Emília, Miguel e Vicente

Vicente – O carro está aí. (À parte.) Olé!

Miguel – Há de permitir-me que o aproveite. Não posso ir a pé para a casa nestes trajes.

Eduardo – Com muito prazer.

Miguel (Despedindo-se.) – É verdade, a sua graça?

Eduardo – Eduardo Coutinho, seu humilde criado.

Miguel – Pois, Senhor Eduardo, lá estou às suas ordens. Creio que já sabe onde moro.

Eduardo – Da mesma forma. Para que não tenha mais o incômodo de entrar pelo quintal, a porta da minha casa dá para a Rua da Ajuda.

Vicente (À parte.) – Os diabos me carreguem, se compreendo esta embrulhada.

Todos (Menos Vicente.) – Ó Platão, bendito sejas.

Foste o nosso protetor;

Viva a bela teoria

Do teu casto e puro amor.

É sublime, edificante,

A lição que tu nos dás,

Onde plantas teu domínio,

Reina a ordem, impera a paz.

(Cai o pano.)

FIM